



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

PRÁTICAS EDUCATIVAS E SENSIBILIDADES MÉDICO-PEDAGÓGICAS: A EDUCAÇÃO DA SAÚDE BUCAL E DAS EXPRESSÕES FACIAIS (PARAHYBA, 1919 – 1945)

Iranilson Buriti de Oliveira
(CNPq –UFCG)

Resumo

Esta pesquisa desenha as aproximações entre os discursos médico-odontológico, científico e o educacional, tomando como referência temporal o período compreendido entre 1919 e 1945, no Estado da Paraíba. Nessas aproximações, problematizamos o saber da ciência odontológica na orientação do saber pedagógico e sua recepção no discurso dos educadores e dos educandos da escola primária paraibana. Nesta pesquisa, um dos objetivos é mapear as fontes, os arquivos e a circulação dos saberes sobre saúde bucal, construção facial, doenças provocadas pela má higienização bucal, bem como apresentar uma leitura das campanhas de profilaxia bucal que começaram a ganhar visibilidade nos espaços escolares da Paraíba a partir de 1919. Como principais fontes, analisamos os escritos de políticos (presidentes de Estado e presidentes da União) sobre a higiene e a educação bucal e os seus discursos acerca da instalação dos gabinetes dentários nos grupos escolares; os textos jornalísticos e os da *Revista Era Nova* e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba* assinados por cirurgiões-dentistas, educadores e demais autoridades públicas, bem como os documentos referentes às reformas educacionais no Brasil e na Paraíba no referido período. Fichas dos alunos da escola primária também fazem parte do corpus documental. Os arquivos nos quais estão as fontes que pesquisamos são o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, a Biblioteca Átila de Almeida (Campina Grande), o Museu Histórico de Campina Grande, o Instituto Pedagógico Campinense e a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (campus de João Pessoa). Para análise das fontes, estamos dialogando com a teoria que repensa os conceitos de leitura e de apropriação de discursos construídos pela Nova História Cultural, como estratégia metodológica para problematizar as formas de ler e os modos de prescrever a Paraíba saudável, educada e em dias com o ideário do “sorriso perfeito”, comum nas publicidades que passaram a circular em jornais e magazines.

Palavras-chave: Práticas educativas. Discursos médicos. Campina Grande

Introdução

A história do rosto, do sorriso e da saúde bucal¹ na Paraíba e no Brasil está, ainda, para ser escrita, para ser contada, lida, cartografada. São inúmeros os silêncios, os vácuos e as lacunas da historiografia no que tange ao rosto, à geografia bucal, à saúde dentária, à odontologia e às

¹ Neste texto, utilizamos a expressão “saúde bucal” referindo-se a um conjunto de condições objetivas (biológicas) e subjetivas (psicológicas), que ajudam o sujeito exercer a mastigação, a deglutição e a fonação, bem como pela dimensão estética inerente à região anatômica, que possibilita exercer a auto-estima e relacionar-se socialmente sem inibição ou constrangimento (NARVAI & FRAZÃO, 2008)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

práticas de cuidar da cartografia facial. Uma das “causas” desse silêncio de histórias registradas é a ausência e/ou a dispersão das fontes. Este projeto, portanto, objetiva colocar em suspeição o discurso médico-odontológico acerca do rosto e das expressões faciais, dando destaque à geografia da boca, do sorrir, do expressar, tendo como recorte temporal o período compreendido entre 1919 e 1945 no estado da Parahyba. É um projeto que visa garimpar fontes jornalísticas, encartes publicitários, visitar relatórios dos estados, investigar documentos escolares que abordem ou apontem os signos do rosto paraibano nas primeiras décadas do século XX.

Desde a defesa da tese do doutorado (UFPE, 2002), tenho procurado trabalhar as articulações entre o saber médico e as práticas pedagógicas, embora essas questões tenham sido melhor desenvolvidas a partir das minhas pesquisas como bolsista produtividade do CNPq e no estágio de pós-doutoramento. Porém, as minhas preocupações em pesquisar a história do sorriso e das expressões faciais são recentes. Nos últimos meses, venho pesquisando a configuração de um novo problema de saúde pública na Paraíba: a saúde bucal, pois fiquei impressionado com o número de propagandas de cirurgiões-dentistas² que aparecem nos encartes publicitários, bem como em revistas que circularam nesse período.

Uma pergunta inicial pode ser feita: Por que estudar o rosto, o sorriso, a articulação entre educação e saúde bucal? Dentre tantas respostas possíveis, podemos responder que uma história do rosto é ao mesmo tempo uma história do controle da expressão, das suas exigências religiosas, das suas normas sociais, políticas e éticas que contribuíram para o renascer de novas expressividades, para o aparecimento de um tipo de comportamento social, sentimental e psicológico baseado no afastamento dos excessos, no silenciamento do corpo, na ida para os gabinetes dentários, na corrida para os dentistas. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a saúde bucal é muito mais que ter bons dentes, abrange o complexo craniofacial, constituído pelos tecidos dentários, bucais, faciais e do crânio (OMS, apud FRAZÃO & NARVAI, 2008). Assim, o rosto, como “cartão postal” do corpo humano, ganha novas leituras na modernidade.

As percepções do rosto mudam lentamente, as sensibilidades à expressão desenvolve-se progressivamente. Este é um dos traços essenciais do crescimento do individualismo nas mentalidades. (...) Estas exigências fizeram nascer um

²Na década de 20 (século XX), o conceito que mais aparece nos jornais e revistas em relação ao serviço dentário é cirurgião-dentista. Neste projeto, iremos utilizar tanto cirurgião-dentista, odontólogo e dentista como sinônimos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

homem sem paixões com um comportamento moderado, medido, reservado, prudente, circunspecto, calculado; muitas vezes reticente e por vezes silenciosos. O homem das paixões, o homem espontâneo e depois impulsivo, apagou-se progressivamente por detrás do homem sem paixão.(...) COURTINE & HAROCHE, 1997).

O ano de 1919 foi escolhido como início para este recorte temporal por entendermos que, a partir desse período, a sociedade brasileira, e particularmente a paraibana, viu emergir um “novo tempo” para a saúde, principalmente após a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública³, por Eptácio Pessoa. O recorte temporal (1919 a 1945) justifica-se porque é nesse contexto que, em nível local, um conjunto de medidas visando à saúde da população começa a ganhar visibilidade, como por exemplo: a implantação dos postos de profilaxia rural pelo governo de Solon de Lucena (1920-1924) e as campanhas do governo em prol da instalação de gabinetes dentários nos grupos escolares (LIMA, 2010). Estas evidências são encontradas tanto nos Relatórios de Estado, quanto em matérias do Jornal ‘A União’, órgão oficial do Estado.

É difícil iniciar uma viagem de volta ao passado propondo um início, um ponto de partida mediante o qual se conhece as demais coisas. No entanto, mesmo sendo complexo estabelecer uma certa temporalidade, gostaria de demarcar o início da década de 1920 como marco temporal para esta pesquisa, por considerá-lo um momento em que novas reelaborações em torno da saúde bucal e das campanhas de profilaxia facial estavam ganhando visibilidade. Momento, também, em que começam a aparecer os primeiros gabinetes dentários nos espaços escolares⁴, uma preocupação que marca a gestão de alguns governos estaduais, a exemplo de Antenor Navarro e Solon de Lucena. Nesse contexto de remodelações na saúde, as ações que visavam recuperar o estado de saúde e a prevenção de doenças na população pautavam-se, principalmente, pela assistência médica com o uso intensivo da terapêutica (florescimento do curativismo), especialmente em ambientes hospitalares.

Estudaremos tal temática até o ano de 1945, por compreendermos que a criação do Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP) no início da década de 30, por Vargas, e as

³ Na mensagem presidencial de 1919, Eptácio Pessoa afirma que a organização do Departamento de Saúde Pública “procurou remodelar de modo completo a administração do país” (p.431)

⁴ Um dos primeiros gabinetes dentários foi implantado no Grupo Escolar Thomas Mindello, na capital do estado, em 1925.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

reformas na educação e saúde promovidas por Gustavo Capanema (1934-1945) à frente do referido Ministério, e suas recepções nas escolas da Paraíba, são fundamentais para estabelecermos as aproximações entre os dois campos do saber, já que ambos formavam uma única Pasta⁵.

De acordo com Junqueira, no Brasil a assistência à saúde seguiu o modelo flexneriano⁶. A saúde pública organizou-se de forma vertical, onde as políticas públicas são determinadas pelo governo federal cabendo aos estados e municípios o seu cumprimento de forma setorial. Nesse caso, a tendência é o tratamento dos problemas de saúde da população de maneira fragmentada (JUNQUEIRA, et al 1997). Embora o planejamento público tentasse articular as ações e serviços de saúde, principalmente a partir de 1919, com Eptácio Pessoa e a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública, na prática a sua execução ocorre de forma desarticulada, perdendo de vista a integralidade do indivíduo e a interrelação dos problemas.

Nesse sentido os corpos, individual e o coletivo são cartografias onde personificam as definições sobre as possibilidades, as negociações e os alcances da mensagem nacionalista e da formação de um “soldado para a pátria” no início do século XX. O corpo do sujeito emergia como uma geografia visitada por muitos profissionais, dentre os quais o médico, o pedagogo, o dentista, o político. Como arquitetos da saúde, os médicos e dentistas se uniram para controlar o corpo do outro, para diagnosticá-lo, prescrevê-lo, analisá-lo, chamando atenção com campanhas educativas⁷, palestras e apelos aos pais para cuidarem da saúde dos filhos, conforme conclama o

⁵ No período 1930-1934, o Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP) não viu serem definidas as linhas mestras de seu desenvolvimento, porém, com a gestão de Gustavo Capanema (1934-1945), o MESP definiu rumos para a política de saúde pública e de educação, reformando e consolidando a estrutura administrativa e adequando-a aos princípios básicos que haviam definido a política social do Estado Novo. Confira. BOMENY, Helena (org.) *Constelação Capanema: intelectuais e políticos*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

⁶ Modelo voltado para a assistência à doença em seus aspectos individuais e biológicos, centrado nas especialidades médicas e no uso intensivo de tecnologia. O termo é uma homenagem a Flexner, cujo relatório, em 1911, fundamentou a reforma das faculdades de medicina nos EUA e Canadá. Esta concepção estruturou a assistência médica previdenciária na década de 1940 e 1950.

⁷ No campo da assistência odontológica a escolares no Brasil, “pode-se dizer que a primeira evidência de participação da odontologia na saúde escolar tem, como data, o ano de 1912, com a fundação das Clínicas Dentárias Escolares por Baltazar Vieira de Melo, em São Paulo, as quais, anos depois, se transformaram na Associação Paulista de Assistência Escolar, mantendo sete consultórios em escolas públicas (Carvalho & Loureiro, apud RONCALLI, 2000, p. 119).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

dentista Campos de Oliveira, em 1922, durante a conferência “Higiene bucal e a escolha racional do dentifrício”:

Ó mãe brasileira, cuja solicitude é inigualável, dai o condão da vossa graça aos primeiros cuidados de higiene bucal dos vossos filhinhos, e ficai seguras de que, entreabertos os olhos, antes de solicitarem o cavalinho, o velocípede ou a bola vos pedirão todas as manhãs o brinquedo da escovinha de dentes ... Não creio na robustez de uma raça que não tenha bons dentes. (OLIVEIRA, apud EYER, 1929, p.40).

Nesse sentido, a saúde bucal emerge como um problema a ser resolvido nas primeiras décadas do século XX. Não apenas os dentistas, mas também os pais, os educadores/professores e os políticos de um modo geral são convocados à luta no combate de cáries, gengivites, mau hálito e outros males que “enfeiam” o rosto e o sorriso dos paraibanos.

Problemáticas de pesquisa

O principal problema a ser abordado neste projeto é a relação entre saúde bucal e escolarização no início do século XX. Era notório o número de pessoas desdentadas ou com problemas dentários freqüentes nas primeiras décadas do século XX na Paraíba, conforme registram os relatórios dos presidentes de Estado, os relatórios do Diretor de Instrução Pública e o jornal A União. Como maquinarias discursivas, os textos sobre a boca e suas doenças, bem como com os produtos para curá-las e tornarem o rosto belo começam a ganhar visibilidade nos impressos locais. Era urgente combater esses males, partindo de um diagnóstico da infância. Doença e fealdade versus beleza e saúde foram expressões que conseguiram cada vez mais notoriedade na publicidade. O discurso médico-odontológico sobre o corpo doente aparece em várias mídias e programas educativos no início do século XX, porém, ainda é pouco estudado o discurso odontológico, sendo, portanto, carente de investigações e de novas problematizações acerca desse campo tão cheio de mistérios e curiosidades. A utilização da escola “como espaço de práticas de higiene já era bastante difundida desde as primeiras décadas do século XX, e também na área odontológica (CARVALHO & LOUREIRO, 1997).

É nessa cartografia de saúde pública, que o rosto, particularmente a geografia bucal, ganha novas leituras. O discurso médico-odontológico, presente em jornais, almanaques, revistas, livros

2498





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de civismo e manuais de civilidade, colocam o rosto e a boca como espaços da percepção de si, da sensibilidade do outro, dos rituais da cura, da comunicação com o outro através do sorriso. Percebeu-se que não apenas a boca fala, mas também os dentes, o rosto, o sorriso, o hálito. O higienista brasileiro Renato Kehl, em livro escrito sobre higiene exclusivamente para as crianças, é sensível aos cuidados que os “pequenos soldados da pátria” devem ter com a boca e o rosto. Em forma de mandamentos, escreve Kehl:

- Escove os dentes depois das refeições e ao deitar-se ou, então, pela manhã e à noite.
- Não leve as mãos, os dedos, o lápis, a caneta e outros objetos à boca.
- É um perigo introduzir na boca e mastigar, palito, pedacinhos de papel, de madeira, de arbusto, folhas de árvores, etc.
- Lave sempre as mãos ao sair da latrina e quando tocar nalgum objeto sujo.
- obedeça sempre a estes mandamentos para ser uma criança forte e bonita, não se esqueça que ninguém pode gostar das que são sujas e desleixadas. (KELH, 1925, p. 83-84)

Em todas essas enunciações, as expressões faciais passaram a ser mostradas como gramáticas da beleza, da saúde, da estética nacional brasileira. Ter um rosto belo e um sorriso bonito passaram a ser símbolos da nação da “ordem” e do “progresso”. Renato Kehl adverte: “Antes de deitar-se para dormir é indispensável escovar os dentes. Os resíduos alimentares, a gordura, retidos entre eles, se não forem removidos, fermentam, apodrecem, ao fim de algumas horas, prejudicando os dentes, alterando o hálito e concorrendo para certos males de peores conseqüências” (1925, p.83).

Com essa tônica, as famílias paraibanas, principalmente as que podiam pagar pelo serviço, são convidadas a “visitarem” os gabinetes dos dentistas para limarem, obturarem, extraírem ou substituírem os dentes: “O cirurgião-dentista Paulo Borges avisa ao público que vae installar o seu gabinete de trabalhos, *modernos e garantidos*, no prédio n. 504, 1º andar, à rua Duque de Caxias, onde aguarda especialmente a visita das exmas. Famílias” (A União, 1 de janeiro de 1930, p. 7, grifos nossos). No mesmo endereço, o cirurgião-dentista J. Alústau também se coloca “às ordens” das famílias paraibanas, no entanto, chama à atenção para o material empregado, vindo dos Estados Unidos, e dos serviços prestados, como “a extracção sem dor” e as dentaduras ou próteses dentárias para restaurar o sorriso de homens e mulheres desdentados (A União, 5 de janeiro de 1930, p.5). Embora a publicidade acima fosse destinada a todas “as famílias





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

paraibanas”, a grande maioria não podia pagar pelos serviços, sinalizando que as condições dentárias são um dos mais significativos sinais de exclusão social (NARVAI & FRAZÃO, 2008, p. 12)

Tais reclames funcionam como dispositivos disciplinares, ou seja, os anúncios sobre produtos dentários, uma vez publicados nas páginas dos jornais e magazines, são ensinados e metodicamente reproduzidos no seio social, funcionando como meios para a constituição de sujeitos consumidores de tais produtos. O sujeito do saber (o dentista) tende a se conectar mediante as imagens e anúncios ao sujeito do desejo (o consumidor), impulsionando uma maior participação deste no processo de difusão do produto (FOUCAULT, 1985). A escova dentária, como um simulacro da limpeza, representa um objeto de desejo e transforma-se, no discurso da odontologia de mercado, num item indispensável à saúde do sujeito:



Imagem: mãe ensinando a filha pequena a usar a pasta dental

Fonte: Jornal A União, setembro de 1930, p. 3.

Assim, a geografia do rosto possui uma eloquência silenciosa que seduz com maior segurança e mais sutilmente do que as palavras. Não é apenas a voz e a língua que servem ao propósito de funcionar como “intérpretes do pensamento” de homens e mulheres, mas também os sujeitos falam através da dentadura (ou da falta desta), da testa e dos olhos. Estes são zonas de atratividade, de comunicação (COURTINE, 1997). Analisando a importância da atratividade do sorriso e seus diálogos com a face, Geld mostra que o sorriso desempenha um papel importante

2500





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tanto na expressão como na aparência facial, pois a boca é o centro da comunicação na face. A sedução facial e a sedução do sorriso estão fortemente conectadas uma à outra, daí a importância com a saúde bucal, a anatomia e a estética dentrífica (GELD, apud ROCHA, 2010, p.20), discursos defendidos pela odontologia:

[...] a profissão odontológica é parte dos dispositivos de biocontrole sobre os homens (e mulheres etc, ou sobre a sociedade). Crianças devem aprender a limpar o corpo e igualmente deverão aprender a limpar sua boca, sendo que limpeza, neste caso do processo civilizatório e da coerção e controle, significa controle da verbalização, não dizer palavras sujas, e controle mastigatório: não usar os dentes como arma ou instrumento de agressão. O controle das funções bucais, todavia, como aparência, se dá ou se estabelece pela reiteração do discurso sobre a necessidade (infantil) de ensinar aos homens e mulheres as técnicas de limpeza dos dentes e, desde a modernidade, recalcar o desejo de todos por alimentos doces (BOTAZZO, 2008, p.236).

Nesse biocontrole da população, os dentistas lançam mão de muitos artifícios, astúcias para “convidar” e/ou atrair os clientes até os seus consultórios⁸. Nesse sentido, podemos problematizar a Odontologia como uma biopolítica, um campo de conhecimento dotado de historicidade, ou seja, uma prática social produto do engenho e da ação política de homens e mulheres. Assim, os “modernos e garantidos” espaços para a saúde bucal começam a ganhar expressividade na Paraíba na voz dos dentistas, dos professores e de parte da população, aumentando o número de anúncios nos jornais sobre consultórios odontológicos, enxaguatórios (anti-séptico bucal) e dentríficos (creme dental), como a pasta *Oriental*, anunciada como ideal para limpar os dentes sujos e amarelados, bem como a famigerada Kolynos⁹, apresentada ao público leitor como a “espuma abundante e de sabor agradável que produz, remove a mucina, as partículas de alimentos em decomposição e destrói os germes que deterioram os dentes”. O reclame da pasta Kolynos finaliza o seu anúncio conclamando: “Experimente Kolynos e verá como sentirá a boca limpa! Basta um centímetro sobre a escova seca!” para fazer a alegria de gente dinâmica (A UNIÃO, 8 DE JANEIRO DE 1930, p.4):

⁸ Diversos anúncios de consultórios de cirurgiões dentistas circulam no jornal A União e na revista Era Nova.

⁹ A fórmula da pasta dental Kolynos foi criada nos Estados Unidos em 1908. Em 1917 passou a ser exportada para o Brasil mediante a Casa Círio do Rio de Janeiro. No final da década de 1920, a mesma passou a ser produzida no Brasil. A embalagem brasileira – verde e amarela – fazia alusão às cores da bandeira do Brasil.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Fonte: A União, 8 jan. 1930, p.4

É importante destacar que analisando os reclames e os demais discursos publicitários, percebe-se que na odontologia não existe a concepção biológica de indivíduo, um indivíduo-corpo ou um sujeito-corpo. Conforme Botazzo (2008, p. 227), o “dente ocupa lugar central para a fundamentação da prática, ele é o “indivíduo” da odontologia, o “corpo” que foi dessecado e aberto para compreender o processo mórbido que ali se instala. A beleza ou a feiura do sujeito é dada a ler a partir do rosto, mais precisamente a partir dos dentes. Essa concepção dentária de “indivíduo” é tão presente nos discursos dos dentistas que o dente é também denominado elemento - um “elemento dental”.

O dente isolado é concebido como signo da profissão, o representante, um significante. Está presente em todos os cartões de visita, placas de consultórios e ilustrações de publicações, mas foi antes entronizado na mente do estudante logo ao início dos estudos odontológicos, cientificizado como uma disciplina e praticado por meio da sua escultura, como a produção de um totem - um ex-voto - em cera (BOTAZZO, 2008, p. 227).

Botazzo salienta que no Brasil, foi notável no século XX a expansão do mercado de produtos para limpeza bucal, produção e consumo de escovas, pastas e enxaguatórios. Dessa forma, o autor considera que houve uma rede de “solidariedade” entre a indústria, o profissional dentista e as políticas de saúde pública, ou seja, a indústria foi a “responsável” pela construção





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

“eficaz da cárie dentária como doença-mãe; a profissão legítima tal constructo e por meio da escola garante-se sua reprodução. Finalmente, as políticas públicas fornecem ou são a condição de possibilidade para que todo esse arranjo se instale e prospere” (2006, p.230):

[...] expressar verdades sociais odontológicas, as da sociedade que a Odontologia recria, que são os discursos acerca do consumo de sacarose, as técnicas de escovação e os bons hábitos bucais, essas coisas de que os sujeitos concretos na sociedade deveriam se ocupar e que é dever do dentista permanentemente manter na lembrança deles (e que acabam permanecendo na do dentista) (BOTAZZO, 2008, p. 234).

Os modos de produção dos anúncios, as maneiras de comunicação, a linguagem utilizada, as tecnologias produtivas, as subjetivações, enfim, toda essa maquinaria discursiva torna a boca e em particular, e o rosto como um todo, no discurso odontológico, a área central do corpo. A boca torna-se a geografia das decisões, o ponto de relacionamento entre os indivíduos, o território de contato entre o eu e o outro. As imagens publicitárias configuram novas representações sobre a boca, sobre o falar e sobre a higienização dessa área, além de relacionar a saúde bucal com a educação, a estética, a beleza, a “civildade”. São elementos fabricados pela indústria e pela mídia que interferem na elaboração de novas afetividades, novas sensibilidades e novas leituras sobre si e sobre o outro. O reclame abaixo anuncia como essas novas tecnologias imagéticas configuram as novas sensibilidades de homens e de mulheres:



Fonte: A União, 10 de janeiro 1930, p.4





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Não é apenas a manchete do anúncio que coloca os dentes como o centro do sujeito (“Ela parece que nunca escova os dentes”!), mas toda a narrativa do anúncio funciona como um agenciamento, um dispositivo pedagógico no sentido de convencer o leitor que, para ter boas relações sociais, é preciso cuidar da saúde bucal: “Se V.S. faz questão de que os outros tenham uma boa opinião a seu respeito, comece, hoje, a usar o novo Sistema Kolynos da Escova Seca” (A UNIÃO, 1932). Como afirma Guattari, “as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (1994, p. 14). A boca e os dentes passam a ser, assim, uma assinatura que expressa a educação e a higiene do sujeito.

Estudar a história do sorriso e a sua produção sócio-cultural na Paraíba necessita ir além do saber médico-odontológico, daí a conexão desta pesquisa com a educação, pois esta foi fundamental para que os programas de saúde bucal fossem instalados e a população subjetivasse os cuidados para com o seu próprio rosto, particularmente a boca. Kovalesski (et all) enfatiza que “o estudo dos dentes e da boca, como órgãos funcionais (...), esconde uma trama de desejos e sentimentos”. Dessa maneira, é necessário “mais que a ciência cartesiana para compreender a produção da subjetividade da boca. Uma discussão que ultrapasse os limites da odontologia é requisitada” (p.98).

Portanto, esta pesquisa apresenta importantes questões para a história da ciência e da saúde pública à medida que relaciona o desenvolvimento e implantação de novas tecnologias com as redes de produção e circulação de conhecimentos internacionais sobre a saúde bucal nas escolas. Seguindo essa análise, acreditamos que o estudo sobre a institucionalização escolar das técnicas de prevenção à saúde bucal na Paraíba ajuda a compreender o quadro mais geral de nossas políticas de saúde e do conhecimento médico-odontológico, bem como favorece a avaliação das especificidades do uso das técnicas relacionadas à prevenção de doenças bucais no país.





Fontes de pesquisa e revisão da literatura: aproximações

Quando falamos em história da saúde bucal na Paraíba, um silêncio é instaurado. As fontes pouco dizem, pouco falam. Mas o silêncio também diz, sugere que pouco era realizado acerca da “salvação” da dentição neste estado e da construção da boca e do sorriso saudáveis. Assim, as fontes aqui discutidas são centelhas dessa história. Uma dessas fontes são as mensagens dos presidentes de Estado que, em seus discursos, mostram o “desenvolvimento” da educação médico-sanitária do Estado e, “preocupados” com o grande número de desdentados, reforçavam as aspirações de implantação de campanhas mais intensas e instalações de gabinetes dentários nas escolas.

Ao lado das reformas na saúde pública, nas décadas de 20 e 30 do século XX (HOCHMAN, 1998), as reformas educacionais são narrativas que celebram um “tempo novo” para o Estado da Paraíba, ganhando cada vez mais visibilidade o discurso médico-odontológico e sua circulação no âmbito das instituições públicas, sendo a escola uma das cartografias que em muito recepcionou essa narrativa. Em nível estadual, foi publicado, em 1917, o Regulamento sobre a Instrução Pública na Parahyba do Norte¹⁰, que, juntamente com as reformas empreendidas pelos presidentes Camilo de Hollanda (1916-1920), Solon de Lucena (1920-1924), João Suassuna (1925-1929) e Antenor Navarro (1930-1932), regulamentaram a organização da instrução pública e contribuíram para criar um novo perfil para as escolas do Estado (PAIVA, 2006; PINHEIRO, 2002)¹¹.

As reformas educacionais elaboradas por parte da intelectualidade local são “regimes de verdade” (FOUCAULT, 1999) que possuem forças na construção de novos comportamentos, formando um tipo de governo dos homens que provoca descontinuidades com os padrões antigos

¹⁰ À frente da Reforma de 1917 estavam intelectuais que lutavam pela melhoria do ensino no Estado, a exemplo de Francisco Moura (diretor da Instrução Pública); Monsenhor Odilon Coutinho (diretor do Lyceu Parahybano); Dr. Manuel Tavares (lente da Escola Normal e do Lyceu Parahybano); Celso Affonso Pereira (Inspetor do Ensino Noturno), além dos professores Sizenando Costa e José Coelho; e João Alcides Bezerra (Inspetor Geral do Ensino). A exemplo do que ocorria em todo o Brasil, os reformadores educacionais que expandiram o sistema escolar na Paraíba não eram apenas pedagogos. Conforme Dávila, poucos tinham treinamento pedagógico. Eram médicos e cientistas sociais atraídos pela perspectiva de utilizar a educação como espaço para a ação social (2007, p.32).

¹¹ A Reforma de 1917, “efetivada sob Decreto nº 873 de 21 de Dezembro de 1917 foi, provavelmente, a principal reforma da Instrução no período em estudo, visto que as reformas subseqüentes apenas apontaram para alguns ajustes tentando adequá-las a realidade vivenciada”. In: PAIVA, Bruna et all, 2006, p. 5776.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de sociabilidade. O futuro era imaginado num contexto de louvação à modernidade, vista e dita como o desejo de emancipação do obscurantismo e dos preconceitos que grassavam a população local. O futuro era entendido, ainda, como um território envolvido pela valoração do capital e do progresso, pela busca incessante do novo e pelo impulso de esquecer o passado, de sociabilizar-se com as normas atuais rompendo com as antigas, criando aversão a quase tudo que estivesse relacionado com o atrasado, o anti-higiênico e o anti-científico, além de “adotar idéias eugênicas sobre degeneração e a contemplar as possibilidades de regenerar a vasta subclasse racial e social” (DÁVILA, 2007, p. 33).

Nessa compreensão de elaborar um futuro “sadio” para a Paraíba através dos preceitos odonto-pedagógicos, o Diretor de Instrução Pública, João Alcides Bezerra Cavalcanti, encaminhou, em 1921, um Relatório ao Presidente de Estado, Sólon de Lucena (1920-1924), no qual apresentava os regulamentos para a construção dos edifícios escolares, visando adequá-los aos novos padrões de aeração e salubridade, construídos em “terreno sêcco e permeavel” e com o piso impermeabilizado, evitando, assim, “acúmulo de sujidades”¹². Nesse relatório, o Diretor relata um pouco acerca do serviço dentário que deve fazer parte dos novos espaços escolares. Comentando esse assunto, Lima enfatiza:

E como complemento natural à assistência medica nas escolas, Alcides Bezerra, Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, já em 1921, encaminhou proposta para o governo Sólon de Lucena, para que se criasse no Estado o Serviço Dentário, considerado de suma importância, bem como, a contratação de médicos especialistas nas moléstias da visão. Desse modo que, foram sugeridos ao governo, a contratação dos especialistas, atuantes na capital, doutores Velloso

¹² “Os prédios (...) deverão ser construídos: a) em terreno sêcco e permeavel; b) numa area nunca inferior a 1.000 m2; c) fóra do alinhamento das ruas; d) longe do ruído das oficinas e dos centros muito movimentados; e) inteiramente livres de quaisquer outros edificios e de modo que os raios solares tangenciando a parte superior dos vãos das janellas e portas cheguem ao extremo opposto do piso; f) com um aparelho sanitario e um lavatório pelo menos, para cada grupo de 30 alunos; g) expostos ao nascente; h) com elevação nunca inferior 0,60m e o piso perfeitamente impermeabilizado e livre de restas que concorra para o accumulo de sugidades; i) com os cantos das paredes e alizares tanto inferiores como superiores arredondados; j) com distribuição de luz unilateral ou bilateral, neste caso a luz deve ser indirecta; l) com tres salas para as escolas isoladas, seis para as escolas reunidas e nove para os grupos, cada uma com capacidade para trinta alumnos; m) com janellas a caixilhos dispostos de forma que abertas aquellas não determinem perda de espaço interior; n) com material de lei; o) com um compartimento para directoria e archivo; p) com area descoberta para recreio; q) pintados de cores neutras, de preferencia azul ou verde claro; r) com fossa aseptica, nas localidades onde não hover esgottos”. In: PARAHYBA DO NORTE. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Solon Bardosa de Lucena, M.D. Presidente do Estado, pelo Director Geral da Instrução Publica, João Alcides Bezerra Cavalcanti, em 1921(primeira parte) In: Jornal *O Educador*, Anno I, número I. Parahyba: 1º de novembro de 1921.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Borges e Seixas Maia, ambos considerados aproveitáveis para estes fins (LIMA, 2010, p.64).

Ainda conforme Lima, visando ampliar o projeto cultural e a ação educativa da escola primária, aproximando-a do meio social e alargando o seu campo de poder e de intervenção sobre a sociedade, os governos ampliam, pouco a pouco, tanto as instituições auxiliares quanto as campanhas de profilaxia e de cuidados com o corpo. Dessa forma, José Baptista de Mello (na época era Diretor do Ensino), salienta em sua obra: *Evolução do Ensino na Paraíba*, as seguintes ressalvas acerca das ditas Instituições auxiliares do ensino:

Ao lado do movimento renovador da escola, desenvolviam-se, por toda parte, as instituições auxiliares do ensino. **Cruzadas da saúde**, bibliotecas, pequenos museus de produtos regionais, ligas de bondade, círculos de pais e mestres, clubes agrícolas, sociedades esportivas e dezenas de caixas escolares davam à Instrução um sopro de progresso que se fazia notar em todas as partes do Estado. **Enquanto isso apareciam os primeiros gabinetes dentários, nos grupos escolares**¹³ “Epitácio Pessoa” e “Antonio Pessoa”, desta capital, mantidos pelas caixas escolares “Arruda Camara” e “Solon de Lucena” (MELLO, 1956, p.111-112)

A educação dos sentidos e o cuidado do corpo (GAY, 1988; SANT’ANNA, 1995) da população paraibana através da mudança de um comportamento odonto-sanitário almejava, por parte das autoridades públicas, muito mais que a interdição compulsória dos “maus costumes”.¹⁴ Almejava a produção de dispositivos pedagógicos que possibilitassem uma nova leitura sobre si mesmo, levando os estudantes e membros das famílias a constituírem uma hermenêutica de si (VEIGA-NETO, 2002), prestando atenção ao seu corpo, cultivando um jeito de lavar o rosto pelas manhãs, de escovar-se, um modo de viver, produzindo-se e conhecendo-se como sujeito saudável. “Ensinemo-lhes a combater o próprio erro e a cultivar o bem, pois eles devem ser os maiores educadores de si, porque a auto-educação é mais verdadeira”. É mediante esse cuidado de si que “o educando vai eliminando os seus defeitos e adquirindo a instrução e a educação”, (TAVARES, JORNAL A VOZ DA BORBOREMA, 1937, p.3), fazendo sua própria leitura de si, embora esta também seja limitada pelos condicionamentos sócio-culturais e históricos do meio em que vive. No discurso da professora Lurdes Tavares, o sujeito não é mais uma unidade-identidade, mas

¹³ Grifos nossos

¹⁴ LUCENA, S. de. “Saúde Pública”. In: *Mensagem do Presidente de Estado da Paraíba*. 1º de setembro de 1922, p. 43.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

envoltura, pele, corpo, fronteira: sua interioridade transborda ao ler, ao se apropriar de (ou rejeitar) determinados conhecimentos da ciência médica e da pedagogia:

Educar é, pois, tomar esta massa quase sem forma, que é o aluno, e dar-lhe um contorno de graça. Portanto, devemos ser dóceis e carinhosas. Estas almas são tímidas, mas cheias de esperanças. Nos olhos de novos discípulos que chegarem, veremos: a saudade do lar, a confiança no Creador e na mestra. Eles diferem no físico e em qualidades. Daremos resolução ao fraco, animo ao tímido, conselho ao vadio, afago ao triste, um gesto rude ao teimoso e a todos ampararemos e educaremos. Entreguemos a nossos discípulos(sic) a arma de combater o mal, que é a prática do bem. Sob o nosso influxo, ir-se-á aos poucos desenvolvendo a personalidade de cada um (A VOZ DA BORBOREMA, 1937, p.3)

Rosângela Melo (2010, p.104), estudando a formação e expansão dos grupos escolares na Paraíba, ao fazer a leitura da planta baixa do Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello, enfatiza que é possível destacar a presença de um ambiente destinado exclusivamente ao serviço odontológico.



Figura 2: Gabinete dentário do Grupo Escolar Epitácio Pessoa, 1925.

Fonte: Acervo do Arquivo Escolar do Grupo Escolar Epitácio Pessoa.

Os gabinetes dentários e a inspeção dentária por profissionais passaram a fazer parte, timidamente, dos espaços escolares e do cotidiano dos alunos. Essa biopolítica contribuiu para ampliar as narrativas sobre o corpo da criança no ambiente escolar. Conforme João Baptista de Mélo, durante o governo de Antenor Navarro (1930-1932), o ensino público na Paraíba registrou bons índices de desenvolvimento. No setor médico, podemos destacar a criação da Escola de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Aperfeiçoamento de Professores, na qual era ministrada, dentre outras disciplinas, a “Educação Sanitária”. Além disso, favoreceu a expansão dos gabinetes dentários nos grupos escolares (1956, p. 109-110).

A instalação de gabinetes dentários nos grupos escolares faz parte de uma tecnologia das políticas públicas na década de 1920 cujo objetivo é mostrar à população que os programas do governo são construídos a partir da relação saúde-educação. Reibnitz Júnior afirma, com base em Paim (2003) que o modelo de atenção à saúde é o modo de combinar técnicas e tecnologias disciplinares “para intervir sobre problemas de saúde e atender as necessidades individuais e coletivas das pessoas, uma maneira de organizar os meios de trabalho utilizados nas práticas ou processos de trabalho em saúde.” (2008, p.21). Dessa maneira, o modelo de atenção à saúde bucal é pensado como uma tecnologia que vai muito além da assistência odontológica individual, perpassando um conjunto de ações coletivas ligadas tanto ao campo da saúde pública quanto ao setor da educação. Instalar gabinetes dentários no interior dos espaços escolares configura uma estratégia de publicizar que cuidar dos dentes e da boca é, também, uma questão de civilidade e de boa educação. Não se constitui, apenas, no controle da dieta cariogênica, no controle de placa dentária, na fluoretação das águas de abastecimento público, mas também na educação em saúde. Portanto, os gabinetes dentários nos espaços escolares extrapolam o setor odontológico e ganham outros territórios.

Nesse sentido, a implantação, embora tímida, dos gabinetes dentários no território escolar tem relação direta com a preocupação com a saúde das crianças e dos jovens paraibanos em idade escolar. Não era apenas o dente em si, mas toda a geografia da boca e do rosto que preocupava as autoridades públicas. A boca era considerada pelo discurso médico-higienista a porta de entrada de várias doenças, como a tuberculose e a diarreia. De acordo com Mott, a crença na relação direta entre a condição dos dentes e a saúde física e mental - até entre dentição, delinquência e aproveitamento escolar - motivou dentistas e educadores a iniciar campanhas, implantar serviços, escrever contos infantis pedagógicos, livros educativos para as mães e divulgar a necessidade do uso de escovas de dentes e dentifrícios. São exemplos: o concurso Bons Dentes, promovido pela Associação Paulista de Assistência Dentária Escolar, em 1926, e uma seção da revista Vida





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Doméstica¹⁵ (MOTT, 2008, p.105). Com tais campanhas e concursos, podemos analisar que estava sendo gestada uma nova era para a saúde bucal e para a história do rosto. Era o anúncio de um novo tempo para sorrir!

Referências

BOTAZZO, Carlos. *Da arte dentária*. São Paulo: Hucitec; Fapesp. 2000.

_____. A cárie dentária como fetiche. Primeiras notas. In: _____, *Atenção básica no Sistema Único de Saúde: abordagem interdisciplinar para os serviços de saúde bucal*. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2008.

CARVALHO, Cristina .L., LOUREIRO, Carlos .A. A inserção da odontologia na saúde escolar. *Cadernos de odontologia*.,v.1, n.1, p.43-57, 1997.

CLARKE Adele, Fishman J, Fosket J, Mamo L, Shim J. Biomedicalization: technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine. *American Sociological Review* 68(April): 161-194. 2003.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *História cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1989.

_____. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, Antônio H.; VELLOSO, Monica P.; PESAVENTO, Sandra J. *História e Linguagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

COURTINE, Jean-Claude e HAROCHE, C. *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Teorema, 1988.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura*. Política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Edunesp, 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2a ed. Rio de Janeiro: J. Zahar; 1995. v. 2.

EYER, Frederico. *Ensaio odontológico*. Rio de Janeiro: Livr. Leite Ribeiro. 1929

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio: Graal, 1999.

FREITAS Sérgio Fernando T. *Uma história social da cárie dentária*. Bauru: Edusc; 2001.

GONDRA, José G. *Artes de civilizar*. Tese (Doutorado em Educação – FACU) – Universidade de São Paulo: USP, 2000.

HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento*. As bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. Da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio: Editora 34, 1994.

JUNQUEIRA, Luciano Antônio Prates; INOJOSA, Rose Marie; KOMATSU, Suely. *Descentralização e intersectorialidade na gestão pública municipal no Brasil: a experiência de Fortaleza*. 1997. Disponível em <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/CLAD/UNPAN003743.pdf> Acesso em abril de 2006.

KEHL, Renato *A fada hygia*: primeiro livro de higiene. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1925.

KOVALESKI, Douglas Francisco; FREITAS, Sérgio Fernando Torres de ; BOTAZZO, Carlos. Disciplinarização da boca, a autonomia do indivíduo na sociedade do trabalho. *Ciênc. saúde coletiva*, jan./mar. 2006, vol.11, no.1, p.97-103.

¹⁵ A *Revista Odontológica Paulista* (ano 4, n.8, mar. 1909, p.211,) publicou nota de G. Barnsley informando: "Uma falta sensível vai ser brevemente sanada com o aparecimento de um trabalho destinado às mães brasileiras, onde elas encontrarão, de maneira simples e elegante, um ensinamento sobre a higiene dentária infantil".





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

LIMA, Rosângela Chrystina F. de. *Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello e a cidade: Espaços de difusão dos ideais modernos (1916-1935)*. João Pessoa: [s.n.], 2010.

MELLO, José Baptista de. *Evolução do ensino na Paraíba*. 2 ed., João Pessoa: IMPRENSA OFICIAL – PB, 1956..

MOGARRO, Maria Joao. Os professores e os seus discursos: problemas de circulação e apropriação de modelos pedagógico-culturais. In: ALMEIDA, Malu (org.) *Escola e Modernidade: saberes, instituições e práticas*. Campinas-SP: Alínea, 2004.

MOTT, Maria Lucia et al. ‘Moças e senhoras dentistas’: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, Supl., p.97-116, jun. 2008.

NARVAI, Paulo C.; FRAZÃO, Paulo. *Saúde bucal no Brasil. Muito além do céu da boca*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

PAIM, Jairnilson Silva. *Vigilância da saúde: dos modelos assistenciais para a promoção da saúde*. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (Org.) *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

PAIVA, Bruna M. M. de. et all. *Grupos Escolares na Parahyba do Norte (1916 – 1929): Reformas que subsidiaram a Organização da Instrução Pública Primária*. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/523.pdf> . Acesso em 12.nov.2008

PINHEIRO, Antônio Carlos. *Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba*. São Paulo: Autores Associados, 2007.

REIBNITZ JÚNIOR, Calvino. *A saúde bucal no paradigma da promoção de saúde: o campo conceitual de alunos dos cursos de Odontologia de Santa Catarina [tese]* Florianópolis (SC): UFSC/Programa de Pós-Graduação em Odontologia, 2008.

ROCHA, Simone Requião. *Análise do sorriso máximo em fotografias padronizadas de crianças*. Curitiba: Universidade Positivo, 2010.

RONCALLI, Angelo G. *A organização da demanda em serviços públicos de saúde bucal: universalidade, equidade e integralidade em saúde bucal coletiva*. Tese (Doutorado em Odontologia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Odontologia, Araçatuba, 2000.

SANT’ANNA, Denise B (org.) *Políticas do corpo*. Sao Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Jair Lício F.; WESTPHAL, Márcia F. *Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade*. *Estudos Avançados*. v.13, n.35, p.71-88, jan./abr. 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Coisas do governo....* In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

